

# BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXVII nº 1572 | 06/10/2022

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

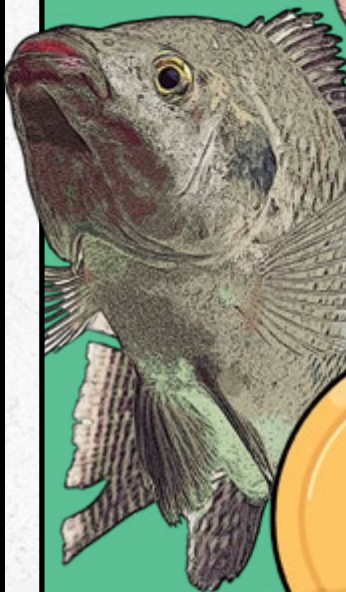
Cascavel



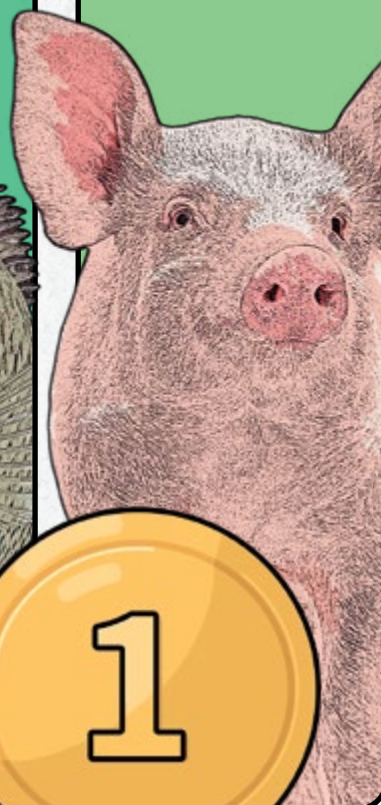
Castro



Nova Aurora



Toledo



1

PROTEÍNAS ANIMAIS

## UM ESTADO DE QUATRO CAPITALS

Paraná reúne as cidades que mais produzem frango, leite, peixe e suínos do país, comprovando a eficiência estadual dentro da porteira



# Aos leitores

Há anos, o Paraná é referência na produção de frango, tanto que ocupa o topo do ranking de produção e exportação brasileiras da proteína. Agora, com base em dados do IBGE, passou a ostentar mais um título referente a essa cadeia. O Estado conta com a capital do frango. Cascavel, na região Oeste, é o município brasileiro que mais produz o animal, com 20 milhões de cabeças, deixando para trás Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo. Para se ter noção da quantidade, cada um dos 322 mil cascavelenses teria que comer 60 frangos por ano para dar conta da produção local.

Mais que um título, esse fato é a comprovação, mais uma vez, da excelência agropecuária do Paraná. Das cinco principais proteínas animais, o Estado conta com a capital do peixe (Nova Aurora), do leite (Castro) e do suíno (Toledo), além, é claro, do frango. Você poderá ler na matéria de capa desta edição como o Estado conseguiu acumular esses quatro títulos. Ainda, importante lembrar que outras cidades paranaenses estão entre as cinco primeiras colocações do ranking de cada proteína.

Vale aqui um segundo registro. O Paraná ostenta esses títulos mesmo ocupando apenas 2,3% do território nacional. Isso mostra que, dentro da porteira, mesmo com alta no custo de produção, a pecuária paranaense segue trilhando caminhos ainda mais virtuosos.

Boa leitura!

## Expediente

### • FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Lisiane Rocha Czech, Nery José Thome e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita  
**Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Ivo Pierin Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Gerson Magnoni Bortoli.

### • SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** José Amauri Denck (Fetaep), Rosanne Curi Zarattini (Senar AC), Darci Piana (Fecomércio) e Nelson Costa (Ocepar) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto  
**Superintendente Adjunto:** Carlos Augusto Albuquerque.

### • BOLETIM INFORMATIVO

**Coordenação de Comunicação Social e Edição:** Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal  
**Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach  
**Colaboração:** Aline Barboza  
**Contato:** [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br)

Publicação quinzenal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1572:

Fernando Santos, William Goldbach, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

## ÍNDICE



### CAPITAIS DAS PECUÁRIAS

Cascavel nas aves, Castro no leite, Nova Aurora nos peixes e Toledo nos suínos colocam o Paraná no topo da lista das proteínas animais

PÁG. 4

### CADECS

Evento reforça a importância das comissões para garantir a viabilidade da pecuária estadual

Pág. 10

### SUSTENTABILIDADE

Sistema FAEP/SENAR-PR cria a diretoria de ESG para reforçar práticas sustentáveis no campo

Pág. 16

### CUIDADO COM A TERRA

Técnico do Sistema FAEP/SENAR-PR reforça que conservação do solo é garantia de lucro na propriedade

Pág. 22

### INTERCÂMBIO

Vencedoras do Programa Empreendedor Rural (PER) em 2019 ganham viagem técnica à Colômbia como prêmio

Pág. 24

### RECONHECIMENTO

Produtores de Jaguapitã, no Norte do Paraná, ganharam sete medalhas no 2º Mundial do Queijo do Brasil

Pág. 26

## CONHECIMENTO

# Em Turvo, mobilizadora informal organiza turmas para o SENAR-PR

Em suas andanças pelo município, a agente de saúde Eliane Pedroso ajuda a reunir pessoas da comunidade para os mais diversos treinamentos da entidade



Agente de saúde no município de Turvo, na região Centro-Sul do Paraná, **Eliane Pedroso** aproveita suas andanças pela vizinhança para identificar diversas demandas da comunidade. Diante das necessidades, a profissional da área de saúde vai além. Conforme transita pelas casas das pessoas, Eliane reúne interessados em fazer cursos do SENAR-PR. E, quando atinge o número suficiente de participantes, vai atrás do sindicato rural local para viabilizar a turma, que ela sempre faz questão de participar, tamanho seu entusiasmo pelos treinamentos da entidade.

Nesse sistema, Eliane já fez cursos de horta, panificação, inclusão digital e está terminando um na área de produção de morangos. “Faço questão de ajudar a organizar as turmas e participar porque os cursos são muito bons, trazem bastante conhecimento. E esse é o caminho para melhorarmos a qualidade de vida no campo. O conhecimento empurra para melhorias na vida, pois a gente consegue fazer as coisas gastando menos, gerando renda”, aponta.

A relação de Eliane com o SENAR-PR começou em 2010, antes mesmo de se tornar agente de saúde (em 2015). Como vive com o marido e as duas filhas em uma propriedade rural de 22 hectares, sendo 12,1 hectares dedicados à cultura da erva-mate, ela identificou a necessidade de se capacitar para o desenvolvimento da atividade.

“Eu comecei a fazer cursos em 2010, para buscar conhecimento. O nosso forte é a erva-mate, mas também plantamos uma lavoura e temos ovelhas e suínos. Para consumo familiar, a gente tem bois de corte e vacas de leite”, descreve.

No passado, os cursos do SENAR-PR já contribuíram para a geração de renda. Eliane aprendeu a fazer pães em uma das capacitações da entidade e vendia a produção pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). O ingresso no serviço público exigiu a descontinuidade da produção de pães, mas sem deixar de lado a vocação para mobilizar a comunidade local.

“Estamos construindo uma fábrica de pães e geleias na comunidade, com 72 metros quadrados, toda equipada, com investimento de R\$ 240 mil. Tomei a frente deste projeto, pois quero trazer melhorias para todos da comunidade onde moro”, compartilha Eliane.

## Cursos

O SENAR-PR possui à disposição dos produtores rurais mais de 250 títulos de cursos, todos gratuitos e com certificado. Para acessar a lista completa, basta clicar na seção “Cursos SENAR-PR” no site [sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br) ou procurar o sindicato rural local.



# Paraná reúne capitais nacionais das proteínas animais

Estado reúne os municípios que mais produzem frangos, suínos, leite e peixes no Brasil, ratificando sua excelência em segurança alimentar

Nenhum município brasileiro fora do território paranaense produz tanto frango, suíno, leite e peixe como Cascavel, Toledo, Castro e Nova Aurora, respectivamente. As quatro cidades lideram a produção desses alimentos, conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em setembro, e concedem ao Paraná o título de “Estado-capital” das proteínas animais. Dos cinco principais produtos da pecuária brasileira, os paranaenses só não lideram na cadeia da carne bovina (atividade que exige mais espaço e o Paraná possui apenas 2,3% do território nacional).

Das quatro capitais paranaenses das proteínas animais, a novidade na lista é Cascavel, que ultrapassou Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo, agora segunda colocada na lista. O feito cascavelense ocorreu porque os avicultores locais produziram, em 2021, um total de 20 milhões de cabeças de galináceos (soma de galos, galinhas, frangos, frangas, pintinhos e pintainhas). É como se Cascavel tivesse produzido 60 galinhas para cada um dos seus 332 mil habitantes.

Com seis barracões e capacidade para alojar, de uma só vez, mais de 200 mil cabeças de frango, Álvaro José Baccin é um dos responsáveis pelo feito. O movimento dentro da propriedade, com três funcionários envolvidos com a operação, reflete os números de Cascavel. Baccin tem planos de construir mais dois barracões, de 2,4 mil metros quadrados cada, apara ampliar a produção. “Estamos esperando o momento de uma maior estabilidade no mercado para investir, já que nos últimos anos os materiais de construção ficaram muito caros”, compartilha.



Erwin Soliva também se prepara para aumentar a produção. Ele já mantém um núcleo com quatro aviários, com capacidade para alojar 90 mil matrizes, que produzem ovos destinados à incubação. Agora, Soliva está investindo R\$ 8 milhões na construção de mais três galpões e na renovação tecnológica do complexo, com retorno do investimento em dez anos.

“Com dois alqueires, o produtor consegue ter uma receita [com avicultura]. Com o alto preço da terra na região, é uma alternativa interessante. E a pessoa pode conciliar a avicultura com outra atividade”, diz o produtor, que também se dedica à bovinocultura de corte.

## Cultura dos polos

Apesar de ser a novidade entre as capitais da proteína animal no Paraná, não é só o frango que produz números astronômicos. A pujança na produção de suínos, leite e peixes também evidencia a dinâmica de formação de polos produtivos. No caso do leite, Castro e Carambeí fazem dobradinha no ranking e formam uma verdadeira metrópole do leite. Nos peixes, outras duas cidades estão entre as primeiras colocadas: Palotina e Toledo. Nos suínos, além de Toledo, as regiões Sudoeste e Campos Gerais também se destacam.

“Mais do que oferecer alimentos ao Brasil e ao mundo, o Paraná se especializou em vender segurança alimentar aos compradores mais exigentes do planeta”, enfatiza Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Os polos criam uma dinâmica de círculo virtuoso ao desenvolvimento agropecuário. Os grãos de soja e milho se transformam em ração, que tem valor agregado em proteína e geram empregos em cada fase da cadeia produtiva. “Esse arranjo produtivo gera uma especialização que beneficia todos os envolvidos, direta e indiretamente, nas atividades”, aponta Mariani Benites, técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Entre os aspectos que influenciam esse círculo virtuoso nos polos produtivos do Paraná, para a técnica Nicolle Wilsek, também do DTE, estão a logística e o crédito. “A eficiência para o escoamento dos produtos e também para conseguir insumos são vantagens competitivas. Além disso, a especialização faz com que o crédito seja facilitado, já que há menor chance de inadimplência”, resume.



Álvaro Baccin vai ampliar a produção de frango na propriedade em Cascavel





**1,5 bi**  
de cabeças é  
a produção  
nacional anual

**40,4%**

das 7,6 milhões de toneladas de frango exportadas pelo Brasil em 2021 saíram do Paraná



**42,5 mi**  
de cabeças é  
a produção  
nacional anual

**GALINÁCEOS\***

**1º Cascavel (PR) 20 milhões\*\***

- 2º Santa Maria de Jetibá (ES) 16,1 milhões
- 3º Itaberaí (GO) 14,4 milhões
- 4º Cianorte (PR) 14,1 milhões**
- 5º Bastos (SP) 13,5 milhões

\* galos, galinhas, frangos, frangas, pintinhos e pintainhas  
\*\* de cabeças em 2021



Casal de avicultores Adair e Noili Oldoni

**Frango não é para aventureiros**

Em 2021, o Paraná foi responsável por 40,4% das 7,6 milhões de toneladas de frango exportadas pelo Brasil, segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). Melhoramento genético e avanços tecnológicos para proporcionar melhor ambiência são alguns dos fatores que explicam o sucesso da atividade. Além disso, a representatividade política por meio dos sindicatos rurais, como a aprovação da Lei da Integração (que cria conselhos paritários de indústria e produtores), tem proporcionado avanços importantes na estabilidade do setor produtivo no Estado.

A expansão que vem sendo registrada nos últimos anos tem potencial para continuar no futuro, mas exige cautela, aponta o avicultor de Cascavel **Adair Oldoni** e membro da Comissão Técnica (CT) de Avicultura do Sis-

tema FAEP/SENAR-PR. “A região Oeste é propícia para a produção de frangos. Quem quiser ingressar precisa saber que a atividade não é um mar de rosas. Temos dificuldades para fazer as contas fecharem e bons resultados dependem da dedicação 24 horas por dia, sete dias por semana”, avisa Oldoni.

Mariani, do DTE, ratifica que é preciso cuidado ao pensar na implantação de novas unidades de produção ou ampliação, especialmente por causa dos custos de produção. “Hoje, o que mais preocupa envolve altos preços da energia elétrica, matéria-prima para aquecimento das granjas e mão de obra. Temos alternativas, como o investimento em energias renováveis, novas tecnologias de automação que reduzem a necessidade de mão de obra e os desembolsos com aquecimento. Porém é preciso colocar na ponta do lápis antes de assumir compromissos com as instituições financeiras”, alerta.

**SUÍNOS**

**1º Toledo (PR) 869,2 mil\***

- 2º Uberlândia (MG) 638,6 mil
- 3º Rio Verde (GO) 428,1 mil
- 4º Concórdia (SC) 427,7 mil
- 5º Tapurah (MT) 422,9 mil

\* de cabeças em 2021



**Suínos: liderança em momento difícil**

Mais uma vez, Toledo manteve a liderança como maior produtor de suínos do país. Os números, no entanto, ocultam uma conjuntura difícil pela qual a atividade passa em âmbito nacional, pressionada pelo aumento dos custos de produção e recomposição do rebanho da China – que vinha importando a carne brasileira em larga escala. “Houve um aumento do número de cabeças, com recorde de abates, mas, por outro lado, os animais foram abatidos mais leves, por causa dos custos produtivos. Também tivemos abate de matrizes, em razão de produtores que abandonaram a atividade”, observa Nicolle, do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Ainda assim, os prognósticos são de que o mercado melhore no ano que vem, com perspectivas de redução de preços de grãos (com boas estimativas de safra) e o aumento do consumo de carne suína – que em dez anos saltou de 13,3 quilos anuais por pessoa para 17,7 quilos. Com as altas consecutivas dos preços da carne bovina, a indústria também se adaptou, passando a oferecer novos cortes de suínos, com mais opções ao consumidor.

Com isso, a expectativa é de que Toledo siga no topo do ranking. O plantel de suínos do município, por exemplo, é seis vezes maior que a população. Por se tratar de um polo agropecuário, a região tem vantagens logísticas: Toledo está perto de produtores de grãos, facilitando o acesso à alimentação animal – que chega a responder por 80% dos custos de produção.

O produtor e membro da Comissão Técnica de Suinocultura do Sistema FAEP/SENAR-PR **Jacir Dariva** acompanhou de perto a consolidação da atividade no Paraná. O suinocultor se mudou para o Estado na década de 1960, trazendo na mudança as primeiras matrizes. Na ocasião, a atividade era complementar para inúmeras famílias, mas, com o passar do tempo, a produção de suínos se tornou o foco em muitas propriedades.

“Houve um salto muito grande. Primeiro, foi a genética. Na época, quando uma fêmea dava 12 ou 15 leitões por ano, a gente achava muito. Hoje, com o avanço da capacidade reprodutiva, fala-se em 37 leitões por ano”, observa.

Outro ponto destacado por Dariva é a evolução da biossegurança e da sanidade animal, que deram mais segurança aos elos da cadeia produtiva. Além disso, o produtor aponta o alto grau de especialização induzido pela integração – em que o produtor se dedica a um ciclo específico da produção. “Antes, você fazia todos os ciclos do animal. Hoje, cada um faz uma fase, fazendo com que o produtor se especialize cada vez mais. Isso trouxe eficácia ao processo produtivo”, destaca.



## Megalópole do leite

No caso do leite, além de Castro se manter na liderança do ranking, a vizinha Carambeí apareceu, mais uma vez, como segunda colocada. Com isso, mais que uma “capital”, o Paraná tem uma megalópole do leite. O volume impressiona: Castro capta 381,7 milhões de litros por ano, enquanto Carambeí produz 227,8 milhões de litros. Juntos respondem por mais de 8% da produção nacional. Trata-se da mais produtiva bacia leiteira do país. Não à toa, Castro é reconhecida oficialmente como a Capital Nacional do Leite, por força de lei federal sancionada em 2017, pelo então presidente Michel Temer.

Assentada em investimentos constantes em genética, alimentação e bem-estar animal, a produção da megalópole se destaca pela produtividade, com plantéis que chegam a ter produtividade média superior a 40 litros diários por animal. Castro, por exemplo, tem menos vacas em lactação que Patos de Minas (terceiro no ranking) e produção 85% maior que o município mineiro. Carambeí tem a metade do rebanho de Patos, mas também produz mais leite. Para efeitos de comparação, se todo o leite produzido em Castro e Carambeí fosse consumido pela população local, cada habitante ficaria com mais de 6,3 mil litros por ano.

“É uma região em que o arranjo produtivo está bem constituído, com laticínios e unidades beneficiadoras. E tem como diferencial animais extremamente produtivos, com genética excelente, boas condições alimentares, além do clima favorável”, observa Nicolle Wilsek.

O produtor **Roelof Hermannes Rabbers** é um exemplo deste avanço. Os avós dele chegaram ao Brasil em 1953, trazendo no navio algumas cabeças de bovinos da raça Holandesa. Hoje, a família mantém 170 vacas em lactação, com média de 33 litros diários por animal. Em sistema de semiconfinamento, o rebanho dos Rabbers sintetiza a tônica da produção leiteira em Castro: genética de ponta e nutrição de primeira.

“Foi uma evolução natural, dia a dia, com suor e investimentos, até Castro ser o que é hoje”, diz Rabbers.



**35,3 bi**  
de litros é  
a produção  
nacional anual

### LEITE

1°	<b>Castro (PR)</b>	<b>381,7 milhões*</b>
2°	<b>Carambeí (PR)</b>	<b>227,8 milhões</b>
3°	Patos de Minas (MG)	206 milhões
4°	Patrocínio (MG)	163,9 milhões
5°	Pompéu (MG)	141 milhões

\* de litros em 2021

**+ de 8%**

da produção nacional de leite  
vêm de Castro e Carambeí

Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal - 2021/IBGE | Infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR



**558,9 mil**  
toneladas é  
a produção  
nacional anual

### PEIXES

1°	<b>Nova Aurora (PR)</b>	<b>20,1 mil*</b>
2°	Morada Nova de Minas (MG)	12,7 mil
3°	Ariquemes (RO)	12,2 mil
4°	<b>Palotina (PR)</b>	<b>11 mil</b>
5°	<b>Toledo (PR)</b>	<b>9,9 mil</b>

\* toneladas em 2021

**22%**

de toda produção nacional foram  
tirados das águas paranaenses

*“Mais do que oferecer alimentos ao Brasil e ao mundo, o Paraná se especializou em vender segurança alimentar aos compradores mais exigentes do planeta”*

**Ágide Meneguette,**  
presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR

## Peixes: disponibilidade hídrica preocupa

O Paraná é o maior produtor de peixes do Brasil. Em 2021, 22% de toda a produção nacional foram tirados das águas paranaenses. O crescimento da atividade paranaense tem sido de 20% ao ano. Se os prognósticos da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab) se concretizarem, o volume de peixes cultivados no Paraná saltará para 376 mil toneladas até 2027.

Para Mariani Benites, do DTE do Sistema FAEP/SENAR-PR, as questões de nutrição e genética ainda estão atrás do frango, o que abre margem significativa de crescimento nesse aspecto. Por outro lado, além dos gargalos do frango, com altos custos de produção, os peixes sofrem com aspectos relacionados às licenças ambientais e outorgas d'água.

“Estamos com algumas bacias saturadas. A perspectiva agora é que a atividade se espalhe para outras regiões. Tanto que, o Sistema FAEP/SENAR-PR e a Embrapa Territorial estão elaborando um estudo de disponibilidade hídrica para ajudar a promover o desenvolvimento sustentável da atividade”, revela.

Integrante da Comissão Técnica de Aquicultura em Marechal Cândido Rondon, Edio Chapla vê potencial de expansão porque o peixe se tornou uma commodity, assim como o frango. Porém o fim da Tarifa Rural Noturna no Estado, as dificuldades para acessar descontos federais à energia e impeditivos relacionados a licenciamentos que atrapalham a obtenção de financiamentos a juros subsidiados para investir em energias renováveis, compõem a lista de gargalos, segundo o produtor. “A piscicultura é uma das cadeias que mais demandam energia elétrica. Produzir peixe com preços altos na conta de luz acaba pesando para o produtor rural, muitas vezes tornando a atividade inviável”, atenta.

Um aspecto que desfavorece a produção de peixes é a falta de insumos para produtores independentes (que são minoria no Paraná). “Um tanque de 12 mil metros quadrados, no momento, está sem peixes. Fiz a despesca há 100 dias e está difícil encontrar alevinos, por causa do frio que foi mais intenso nesse ano”, aponta Andre Evangelista, também membro da CT de Aquicultura.





# Organização dos pecuaristas permite otimizar negociações

Encontro do Núcleo de Cadecs discute estratégias de relacionamento com agroindústrias para avançar conquistas de avicultores e suinocultores integrados do Paraná

Avicultores e suinocultores integrados do Paraná traçaram um conjunto de ações estratégicas para otimizar a negociação com as agroindústrias. O planejamento foi estabelecido ao longo do Encontro do Núcleo de Comissões para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) do Sistema FAEP/SENAR-PR, realizado no dia 4 de outubro, em Curitiba. O evento contou com palestras técnicas, voltadas a discutir elementos fundamentais previstos na legislação para que os produtores tenham condições de dialogar com as empresas em pé de igualdade.

Mais de 80 produtores rurais, membros ou coordenadores de Cadecs, participaram do evento, demonstrando a força das

comissões no Estado e o interesse em fortalecer os mecanismos de negociação. Hoje, o Paraná tem 27 Cadecs consolidadas: 21 na avicultura e seis na suinocultura.

Para o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, a união dos produtores em todas as instâncias, das Cadecs ao sistema sindical, tem implicado em uma série de conquistas para o setor rural, incluindo a sanção da Lei da Integração – Lei 13.288/2016 –, que definiu direitos e deveres de produtores integrados e da agroindústria, estabeleceu parâmetros mínimos a serem previstos em contrato e instituiu as Cadecs (veja a definição dos conceitos na página 12).

ATUAÇÃO

SISTEMA FAEP  
SENAR-PR

“Em 2010, montamos um programa com várias reuniões que deu origem à Lei da Integração, sancionada em 2016. Foram muitas audiências públicas, que terminaram com esse avanço, que tem sido determinante à produção integrada”, ressalta Meneguette. “Temos que nos organizar. Do lado da indústria, todos têm doutorado, com experiência em negociação. Nós não podemos ficar para trás. Temos que ter conhecimento na mão, exercitar nossas habilidades, para negociarmos de forma justa com as empresas”, acrescenta.

## Negociação

Uma das palestrantes do evento, a assessora técnica de Cadecs no Mato Grosso do Sul Adriana Mascarenhas apontou que as comissões de integrações que contam com produtores organizados em associações ou cooperativas têm obtido mais avanços e conquistas no relacionamento com as agroindústrias. A economista destacou que é fundamental que os avicultores e suinocultores integrados negociem de forma coletiva, sempre no âmbito das Cadecs.

Adriana trouxe exemplos práticos: em uma comissão assessorada por ela, a agroindústria tentou impor um *checklist* aos avicultores. Os produtores, por sua vez, reprovaram a proposta coletivamente e, a partir disso, conseguiram negociar a revisão dos termos. Em outro caso em que a Cadec não é tão organizada, a integradora conseguiu convencer cada produtor individualmente a aceitar a proposta, que não era tão benéfica à categoria.

“Se a negociação for individual, o produtor perde poder de negociação. A negociação tem que ser coletiva”, ressalta Adriana. “A organização é ponto inicial para que se tenham Cadecs fortes, que garantem melhores resultados para os produtores na negociação”, definiu.

Com base nessa articulação, a economista apontou como fundamental que os produtores definam uma pauta de reivindicações com pelo menos 15 dias de antecedência à data das reuniões. Isso evita que as empresas tentem protelar as respostas às demandas, principalmente no que diz respeito a reajustes de remuneração. Para que a pauta seja bem definida, Adriana reiterou a importância de que os integrados tenham em mãos os custos de produção atualizados. “Nós precisamos estar muito bem preparados para negociarmos de igual para igual”, diz a consultora.

Semestralmente, o Sistema FAEP/SENAR-PR realiza o levantamento de custos de produção da avicultura e da suinocultura em todas as regiões do Estado em que há integração. Além disso, a entidade oferece assessoria técnica e jurídica para as Cadecs, inclusive acompanhando todas as etapas de negociação com as integradoras.

## Instrumentos

Para negociar de forma mais efetiva com as agroindústrias, os produtores devem estar atentos a dois instrumentos previstos pela Lei de Integração: o Documento de Informação Pré-Contratual (DIPC) e o Relatório de Informações de Pro-

dução Integrada (Ripi). “Esses mecanismos dão condições de fazer valer nossa voz no embate com as agroindústrias”, reforça a médica veterinária Monique Oliveira, consultora de Cadecs no Mato Grosso.

O DIPC deve estabelecer as bases para o contrato entre produtores e a agroindústria, contemplando parâmetros técnicos e econômicos. O documento precisa conter, por exemplo, estimativas de remuneração média por ciclo de criação, alternativas de financiamento, grau de exclusividade, responsabilidades ambientais de cada parte. O documento é pré-requisito para que as instituições bancárias liberem financiamentos de ampliação, de modernização ou de novas unidades. Por isso, Monique destaca a importância de que os produtores participem da elaboração do documento, que deve ser aprovado pela Cadec.

“O DIPC precisa ser aprovado com ata em Cadec. Mas não é o que tem acontecido na prática. A agroindústria faz o DIPC e apresenta aos bancos, dizendo que há uma viabilidade nos projetos a serem financiados”, disse Monique. “O produtor tem que se precaver e o DIPC é uma garantia. Caso a integradora solicite ao produtor uma ampliação ou uma nova planta e, posteriormente, vir a pedir o fechamento da planta, se isso estiver no DIPC, a empresa tem que quitar o financiamento com o banco. Não invistam sem o DIPC aprovado”, alerta.

O DIPC também contém a base de cálculo para a remuneração dos integrados. E todas as informações referentes ao pagamento aos produtores constam do Ripi, que contém os dados da produção, incluindo indicadores de cada lote. Por isso, o Ripi deve ser a base da negociação com a agroindústria. As Cadecs assessoradas por Monique, por exemplo, elaboraram uma base de dados de quatro anos, com informações que constam dos Ripsis. A partir disso, os produtores têm tido avanços práticos.

“Com base de dados, fizemos análise sobre densidade de abate dos lotes. Conseguimos mostrar que a densidade estava abaixo do previsto e isso estava impactando diretamente na remuneração dos avicultores. Com essa análise, conseguimos um complemento na remuneração para os produtores que estavam alojando menos”, exemplifica Monique.

21

unidades produtivas na avicultura instaladas no Paraná possuem Cadecs consolidadas, de um total de 33





Meneguette ressaltou que união tem implicado em conquistas



Adriana Mascarenhas: “Negociação tem que ser coletiva”



Monique Oliveira destacou a importância do DIPC e do Ripi



Para Ruan Schwertner, lei trouxe mais diálogo à integração

## Avanços

Sancionada há pouco mais de seis anos, a Lei da Integração reduziu o desequilíbrio na relação entre produtores integrados e as agroindústrias. Em sua palestra, Ruan Felipe Schwertner, do Departamento Jurídico do Sistema FAEP/SENAR-PR, fez uma avaliação dos efeitos da legislação.

“Até então, não havia regulamentação jurídica para delimitar os contornos dessa relação entre produtores e integradoras. No que diz respeito a estabelecer um canal de diálogo, a lei cumpriu seu objetivo”, observa Schwertner. “Mas para os próximos anos, precisamos avançar na profissionalização dos produtores no que diz respeito à negociação. O produtor tem que ter a noção de que é um empresário, com um ativo milionário”, reforça.

Desde que a lei começou a vigorar, o Sistema FAEP/SENAR-PR tem dado suporte a esse aperfeiçoamento constante dos produtores integrados, principalmente dos membros ou coordenadores de Cadecs. A entidade desenvolveu um curso de três módulos – noções jurídicas; técnicas de negociação; e condução de reuniões – voltados a treinar avicultores e suinocultores para as reuniões com as integradoras. Quase 200 produtores já foram capacitados.

Além disso, os produtores têm à disposição uma cartilha desenvolvida pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, que esmiúça os instrumentos trazidos pela Lei da Integração (o material está disponível no site [sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)). Schwertner ressaltou que os técnicos da entidade também estão disponíveis para prestar consultoria e assessoramento a cada uma das Cadecs do Paraná.

“Não vai ser por falta de material especializado ou por falta de apoio técnico que os produtores integrados ficarão sem especialização. Estamos à disposição para todas as demandas. Precisamos caminhar juntos”, diz o técnico do Departamento Jurídico do Sistema FAEP/SENAR-PR.

## Glossário

**Integração:** Sistema produtivo em que a agroindústria fornece ao produtor todos os insumos. Com estrutura própria, o pecuarista integrado, por sua vez, recebe os insumos e produz os animais, de acordo com a demanda da agroindústria. Posteriormente, a empresa recolhe, abate e processa os animais.

**Lei da Integração:** Sancionada em 2016, a Lei 13.288/2016 define direitos e deveres de produtores integrados e da agroindústria, estabelece parâmetros mínimos a serem previstos em contrato e institui as Cadecs.

**Cadecs:** Formada de forma paritária por produtores e membros da agroindústria, as Comissões para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) são um instrumento de diálogo, que tem por objetivo dirimir conflitos entre as partes.

## NOTAS



## Simpósio do leite

Nos dias 5 e 6 de outubro, Curitiba recebeu a 12ª edição do Simpósio Leite Integral, que debateu temas que vão colaborar para o desenvolvimento da cadeia no Paraná e no Brasil. Na abertura, Ronei Volpi, presidente da Comissão Técnica de Bovinocultura da FAEP, fez parte da mesa de autoridades. Ainda, o Sistema FEP/SENAR-PR, patrocinador do evento, organizou uma comitiva formada por produtores rurais, instrutores e técnicos do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná), num total de 80 pessoas, para participar das palestras.



## Energias Renováveis em Pato Branco

O 3º evento da série “Seminário sobre Energias Renováveis do Sistema FAEP/SENAR-PR” ocorreu em Pato Branco, no Sudoeste do Paraná, no dia 5 de outubro. Ao todo, cerca de 100 pessoas, entre produtores e lideranças rurais, puderam saber mais sobre a geração distribuída de energia elétrica a partir de fontes renováveis, principalmente biomassa e solar, em propriedades. Já tinham sido realizadas edições em Londrina, no Norte, no dia 14 de setembro; e em Guarapuava, no dia 20 do mesmo mês. Haverá ainda um último evento, em Cascavel, no Oeste do Paraná, no dia 26 de outubro, cujas inscrições serão abertas nos próximos dias no site [sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br).

## Cadastro de maquinário

Desde o dia 1º de outubro, os proprietários de tratores e máquinas agrícolas de todo Brasil que transitam em via pública precisam cadastrar seus veículos junto ao Registro Nacional de Tratores e Máquinas Agrícolas (Renagro). O Renagro cria uma base de dados com informações dos veículos agrícolas em nível nacional, aumentando a segurança em relação a furtos, roubos e outras ocorrências envolvendo esse tipo de maquinário. O processo de cadastro é feito em uma plataforma eletrônica do governo federal. Mais informações no site [sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br).



## Reforço no atendimento ao associado

O Sindicato Rural de Goioerê, com extensão de base em Rancho Alegre D'Oeste e Quarto Centenário, adquiriu um novo veículo para atender os produtores rurais associados. Com o veículo, a diretoria da entidade quer também se aproximar do público rural e melhorar o atendimento dos cursos do SENAR-PR realizados nas localidades.



## Novas comissões locais de mulheres

No dia 27 de setembro, mais duas comissões locais de mulheres foram formadas. O Sindicato Rural de Araruna deu início às atividades do grupo com 16 participantes. No Sindicato Rural de Engenheiro Beltrão, a comissão foi iniciada com 42 mobilizadas, sendo cinco coordenadoras. Em 5 de outubro, foi formada a comissão de mulheres do Sindicato Rural de Santa Cruz do Monte Castelo, com 15 participantes. No total, os sindicatos rurais do Paraná já somam 39 comissões locais.



Araruna



Santa Cruz do Monte Castelo



Engenheiro Beltrão



## INFORME

Veja também no site  
[www.fundepecpr.org.br](http://www.fundepecpr.org.br)

### FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 31/08/2022

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$			DESPESAS EM R\$			SALDO R\$	
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES		FINANCEIRAS/BANCÁRIAS
	1-13	14						
Saldo C/C	268,47	-	-	41,17	-	-	309,64	
Serviços D.S.A.	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	53.939.320,19	-	2.341.952,64	60.578.705,89	
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	5.557.326,00	-	200.997,48	17.890.254,34	
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	5.368.013,44	-	-	9.192.548,07	
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	206.355,84	-	-	283.678,62	
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	20.181,06	-	-	26.019,67	
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	259.809,53	-	-	343.817,44	
Pgto. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	(141.031,00)	
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)	
Rest. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	141.031,00	
<b>TOTAL</b>	<b>20.744.450,47</b>	<b>4.624.105,00</b>	<b>141.031,00</b>	<b>65.489.728,31</b>	<b>542.225,27</b>	<b>2.683.981,12</b>	<b>77.567,43</b>	
<b>SALDO LÍQUIDO TOTAL</b>							<b>88.237.766,21</b>	

Ágide Meneguette  
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi  
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt  
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.



## Doação de livros

No dia 29 de setembro, o supervisor do Sistema FAEP/SENAR-PR Alexandre Marra fez a entrega de 25 exemplares do livro "Fisiologia e Nutrição do Tomateiro" para o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná), para auxiliar os técnicos da entidade na prestação de assistência aos produtores rurais. A publicação patrocinada pelo SENAR-PR teve o seu conteúdo técnico desenvolvido pelos docentes do Departamento de Produção Vegetal da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (USP/Esalq). A doação feita pelo SENAR-PR foi recebida por Natalino Avance, diretor presidente IDR-Paraná; Raphael Branco, coordenador regional de Projetos Curitiba; Hernani Alves, gerente de Extensão Rural; João Ribeiro Reis, coordenador estadual de Olericultura; Diniz dias Doliveira, diretor de Extensão Rural; e Renato Viana Gonçalves, gerente estadual de Agroecologia e da Mesorregião Metropolitana e Litoral.

## Formação de instrutores

Nos meses de agosto e setembro, 16 candidatas a instrutoras do SENAR-PR passaram por formação para os cursos de "Apicultura" e "Abelhas sem ferrão", no Centro de Treinamento Agropecuário de Ibioporá, que conta com um apiário e um meliponário. As capacitações passaram por atualização recentemente e já estão disponíveis no catálogo da entidade. O responsável pela capacitação foi o especialista Heber Luiz Pereira.



## Rodas de conversa em Campo Mourão

No dia 28 de setembro, a Comissão Estadual de Mulheres da FAEP (CEMF) promoveu duas rodas de conversa em Campo Mourão, região Noroeste do Estado, sobre gestão de propriedades. Segundo a coordenadora regional, Larissa Gallassini, o tema foi definido a partir de demandas das mulheres dos grupos locais. No total, participaram 32 integrantes da comissão local de mulheres de Campo Mourão.



## Futura parceria

A diretora técnica do Sistema FAEP/SENAR-PR, Débora Grimm, e o técnico do Departamento Técnico (Detec) Alexandre Lobo Blanco estiveram, dia 28 de setembro, em reunião na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) com a atual reitora, Tangriani Simioni Assman, e o pró-reitor adjunto de Relações Empresariais e Comunitárias (Prorec), Fernando Molin, para alinhar uma futura cooperação técnica entre as entidades e reforçar as ações envolvendo o Prêmio Queijos do Paraná.





# De forma pioneira, Sistema FAEP/SENAR-PR incorpora ESG na rotina de atividades

Entidade cria diretoria específica para promover a incorporação de processos sustentáveis na agropecuária estadual e agregar valor à produção



Nos últimos meses, muito provavelmente, você escutou o termo ESG em rodas de conversas ou no noticiário. A sigla em inglês *Environmental* (Ambiental), *Social* (Social) e *Governance* (Governança) passou fazer partes dos mais diversos setores produtivos, incluindo o meio rural. Isso porque, cada vez mais, o mercado consumidor tem exigido que entidades, empresas, indústrias e, claro, os produtores rurais adotem práticas socialmente responsáveis, ambientalmente sustentáveis e administradas de maneira correta.

Ciente da importância do tema, de forma pioneira, o Sistema FAEP/SENAR-PR, recentemente, criou a Diretoria de ESG, que será comandada por **Fabiana Campos Romanelli**. Com ampla experiência na área da sustentabilidade e com passagem por órgãos com esse perfil, como a Associação Brasileira de Biogás, CS Bioenergia e Secretaria Estadual de Desenvolvimento Sustentável e Turismo (Sedest), Fabiana tem o desafio de levar práticas e ações à rotina dos produtores rurais. A seguir, confira uma entrevista com a nova diretora de ESG do Sistema FAEP/SENAR-PR sobre as estratégias que serão traçadas e os possíveis ganhos para a agropecuária do Paraná.

**Qual o primeiro passo que o Sistema FAEP/SENAR-PR precisa adotar para ingressar no ESG?**

A prática do ESG é um assunto ainda bastante novo para todos. Então, o primeiro passo é mapear as atividades que já são feitas pelo Sistema FAEP/SENAR-PR para, se for o caso, realizar ajustes. Posteriormente, quando tivermos o mapeamento das ações que a entidade tem incorporadas na sua rotina, poderemos direcionar para otimizar e potencializar as boas práticas de ESG. O grande desafio é, futuramente, subsidiar o produtor rural a produzir de forma ainda mais sustentável.

**Quais as ações e estratégias para levar isso aos produtores rurais do Paraná?**

Existem diversos mecanismos para auxiliar o produtor rural. Um deles é a educação. O Sistema FAEP/SENAR-PR tem o Programa Agrinho, que pode ajudar bastante neste processo. Precisamos também orientar os produtores rurais de como usar os recursos hídricos, ou seja, produzir minimizando os impactos da crise hídrica que estamos enfrentando nos últimos anos. Outro ponto é a segurança alimentar, aumentando a oferta do que é produzido no campo que acaba abastecendo a mesa de quem consome. As práticas de ESG também ajudam a mostrar que o agronegócio não é o vilão, como se fala muito.

Não podemos mais pensar individualmente, mas de forma coletiva.

**Em quais modelos de sustentabilidade o setor rural paranaense precisa avançar?**

A agropecuária do Paraná é referência nacional e até mesmo mundial. Mas sempre há o que avançar. É preciso, por exemplo, melhorar a questão das práticas de plantio, preparo do solo e uso dos recursos hídricos. Temos muitas propriedades rurais próximas de rios, um recurso enorme, mas mal aproveitado. Precisamos potencializar esse uso e fazer o manejo correto das atividades. Outra questão é o aproveitamento dos resíduos gerados na agricultura e na pecuária. Sabemos o potencial destes rejeitos, principalmente para geração de energia e adubo. Precisamos tratar de forma adequada para otimizar esse passivo, principalmente diante da crise energética que o mundo atravessa.

O CAR [Cadastro Ambiental Rural] vai poder nos ajudar muito neste trabalho. As informações fornecidas pelos produtores rurais paranaenses vão permitir fazer um diagnóstico e, posteriormente, traçar estratégias e ações para implantarmos dentro da propriedade.

**Com o ESG implantado, os produtores rurais do Paraná vão agregar valor aos seus produtos? Existe a possibilidade de receberem mais pela sua produção?**

Adotar as práticas de ESG traz diferenciais para a produção, agrega valor aos produtos. Isso porque o ESG certifica os critérios que o mundo considera como ideais. A partir de adoção das práticas, o produtor rural vai ter um certificado que a produção dele está de acordo com o que o mercado externo está de olho. Neste ponto, a rastreabilidade é outro processo importante, pois o consumidor vai poder saber a origem daquilo que comprou. Isso, certamente, vai garantir mercado ao produtor.

No curto prazo, o produtor vai receber mais pelo produto dele. No médio prazo, novos mercados vão se abrir para o agricultor e o pecuarista que adotarem o ESG. Por outro lado, mercados vão fechar as portas para quem não atender.

**O ESG já faz parte da rotina de algum setor da economia?**

Hoje não tem setor que olhe formalmente para o ESG. Existem ações pontuais dentro de algumas indústrias e empresas, como O Boticário, Klabin, JBS e Renault, que perceberam que a adoção do ESG traz reconhecimento no mercado internacional.

O Sistema FAEP/SENAR-PR e, conseqüentemente, a agropecuária do Paraná vão sair na frente. E quando a entidade decide olhar para o tema, acaba gerando benefícios para toda a cadeia produtiva. Neste caso, o agronegócio do Paraná pode servir de exemplo para outros setores e estados.

**Você mencionou que, além das ações pontuais, é preciso um movimento coletivo para a real efetividade do ESG. Como os demais setores da economia podem contribuir para o avanço das práticas ambientais, sociais e de governança no Paraná?**

Nossa ideia é, futuramente, levar a discussão para dentro dos demais setores. Não adianta duas, três empresas fazerem de forma isolada. É preciso multiplicar as práticas e sabemos que é preciso usar a capilaridade. Nossa ideia é implantar o projeto-piloto e depois levar para outras entidades, órgãos e empresas. O ESG é um caminho sem volta e o Sistema FAEP/SENAR-PR pode instigar a pauta dentro de outros ambientes empresariais e do Estado.

## O que é ESG?

Em 2004, o termo apareceu em um relatório feito pelo Pacto Global, braço da Organização das Nações Unidas (ONU), na tentativa de engajar empresas e organizações na adoção de princípios nas áreas de direitos humanos, trabalho, meio ambiente e anticorrupção, em parceria com o Banco Mundial, chamada *"Who Cares Wins"* (em tradução livre, "Ganha quem se importa"). Na publicação, o então secretário-geral da ONU, Kofi Annan, desafiava 50 presidentes de instituições financeiras a colocar fatores sociais, ambientais e de governança no mercado de capitais.

Na mesma época, o relatório Freshfield, documento da Iniciativa Financeira do Programa Ambiental das Nações Unidas (UNEP FI) encomendado a um dos maiores escritórios de advocacia do mundo, o Freshfields, analisou a importância da integração do ESG como uma forma de avaliar financeiramente uma empresa.

Então, a sigla ESG passou a ser usada no lugar do termo sustentabilidade em diversos fóruns de discussão, relatórios e pesquisas.



# A MALDIÇÃO DOS KENNEDY



## Dezenas de tragédias e acontecimentos fatais marcam a história de uma das famílias mais influentes dos Estados Unidos



O sobrenome Kennedy carrega prestígio e poder nos Estados Unidos. O clã sempre esteve em posições de destaque na política norte-americana e, no século XX, era o retrato da “família perfeita”, afinal, eram bonitos, ricos, bem relacionados e líderes natos. Mas, em meio a tantas qualidades, uma série de infortúnios parece acompanhar a família ao longo dos anos, causando tragédias e mortes que marcaram o clã.

Os Kennedy descendem do casamento de Joseph P. Kennedy, um empresário milionário e embaixador dos Estados Unidos no Reino Unido entre 1938 a 1940, e da condessa Rose Elizabeth Fitzgerald Kennedy. O casal teve nove filhos. O descendente mais famoso foi John Fitzgerald Kennedy – também conhecido por suas iniciais JFK –, segundo dos nove filhos, que ocupou o cargo de presidente dos Estados Unidos de 1961 a 1963, quando foi assassinado.

A morte de JFK causou uma enorme comoção ao redor do país e do mundo, e seu nome foi ainda mais associado à cultura popular. Apesar de ser uma das tragédias mais comentadas envolvendo a família Kennedy, a sequência de fatalidades envolvendo seus membros começou anos antes. A teoria tornou-se tão popular que se cunhou o termo “Maldição dos Kennedy” para se referir aos infelizes acontecimentos que envolvem a família.

A irmã de JFK, Rosemary Kennedy, terceira dos nove filhos, foi submetida a uma lobotomia em 1941, pois seu pai acreditava que ela tinha problemas mentais. A menina sofria de convulsões, mudanças de humor e tinha dificuldades de aprendizagem, o que era considerado uma vergonha para a “família perfeita”. Rosemary era mantida escondida da sociedade, até ser submetida ao procedimento, na época, com 23 anos. Com isso, ela perdeu a capacidade mental, a fala e os movimentos e permaneceu internada em um hospital psiquiátrico até sua morte, em 2005.

O primogênito Joseph P. Kennedy Jr. – conhecido como Joe Jr. – foi preparado desde a infância para ser o futuro presidente

dos Estados Unidos. No entanto, em 1944, acabou morto durante uma operação aérea secreta enquanto servia na Segunda Guerra Mundial.

A quarta filha do casal Kennedy, Kathleen “Kick” Kennedy Cavendish, passou por duas situações trágicas: a morte de seu marido, Lord Hartington, por um atirador de elite, em 1944, quatro meses após o casamento; e um acidente aéreo na França com o amante, Peter Wentworth-Fitzwilliam, que ocasionou a morte do casal.

Em 1956, a esposa de JFK, Jacqueline Kennedy, deu à luz uma menina nascida morta. Apesar de não lhe colocarem um nome, depois foi revelado que os Kennedy queriam chamá-la de Arabella. Em 1963, a história se repetiu e o casal perdeu outro filho. Patrick Bouvier Kennedy nasceu prematuro e morreu dois dias após o parto, devido à síndrome da angústia respiratória.

No mesmo ano, mais uma tragédia marcou a vida do casal e da família: o assassinato de JFK. Durante um desfile em carro aberto em Dallas, no Texas, John Kennedy foi atingido por dois disparos, sendo um deles na cabeça.

Em 1964, o senador Edward “Ted” Moore Kennedy envolveu-se em um acidente de avião que matou um de seus assessores e o piloto. Ele foi retirado dos destroços e passou semanas no hospital se recuperando de um pulmão perfurado, costelas quebradas e hemorragia interna. Em 1969, Ted chegou a questionar se a família era realmente amaldiçoada, quando o carro que ele dirigia caiu de uma ponte e sua secretária morreu afogada.

O caçula entre os nove irmãos seguiu na carreira política e, pela terceira vez, viu a morte de perto. Em 2006, seu avião foi atingido por um raio, que causou uma pane elétrica. Ted faleceu em 2009, devido a um câncer no cérebro.

Em 1968, Robert F. Kennedy, apelidado de Bobby e também RFK, foi assassinado em Los Angeles com dois disparos na cabeça. No momento do ocorrido, Bobby estava comemorando os resultados das eleições da prévia dos Democratas. Seu nome também aparece em uma teoria conspiratória envolvendo a morte de Marilyn Monroe, cujo assassinato teria sido ordenado por ele.

Uma série de outras tragédias, incluindo acidentes fatais, drogas e acusações de homicídio e estupro envolveram os integrantes da família Kennedy ao longo dos anos, afetando principalmente os filhos e netos de John, Bobby e Ted Kennedy.

O episódio mais recente que cerca a teoria de clã amaldiçoado aconteceu em 2020, quando a neta de Bobby Kennedy, Maeve Kennedy Townsend McKean, e seu filho, Gideon Joseph Kennedy McKean, desapareceram após embarcarem em uma canoa na Baía de Chesapeake, nos Estados Unidos. Os corpos de Maeve e Gideon foram encontrados dias depois.



# Virose impõe novo sistema de manejo ao maracujá

Com medidas simples, fruticultor pode driblar a doença e aumentar a produtividade nos pomares



O manejo do maracujazeiro, importante cultura frutífera no Paraná, passou recentemente por mudanças para minimizar os estragos causados por uma virose, detectada há alguns anos. A constatação de que o vírus CABMV (sigla em inglês para “vírus do mosaico do caupi”) havia chegado ao Estado aconteceu durante um curso do SENAR-PR realizado na região Noroeste. Na ocasião, os instrutores da entidade ministravam uma aula quando constataram estranhas lesões na planta.

“Detectamos a presença durante a primeira formação do curso de maracujá, em 2015. Durante uma visita a uma propriedade, um dos participantes identificou plantas infectadas e orientou que a gente encaminhasse amostras para análise em laboratório”, conta a instrutora do SENAR-PR Beatriz Meira. “As duas amostras enviadas ao laboratório voltaram com [diagnóstico] positivo para o CABMV. Ficamos perdidos na hora porque era uma doença que ainda não conhecíamos muito bem”, relata a profissional.

Diante da novidade, Beatriz e outros instrutores foram em busca de mais informação sobre a doença. Para isso, contaram especialistas do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR) e foram conhecer mais sobre a doença junto

a produtores de Presidente Prudente, no Estado de São Paulo, que já enfrentavam a virose há mais tempo. “Nós constatamos que a melhor forma de tratamento era a erradicação da lavoura doente”, relata a instrutora.

Em condições normais, o maracujazeiro é uma cultura semiperene, isto é, os mesmos pomares podem continuar produzindo ao longo de três ou quatro anos consecutivos. Sob a influência do CABMV, as plantas devem ser erradicadas anualmente sob pena de perdas severas de produção.

“O estrago é grande. Tivemos áreas com problemas nutricionais onde as perdas foram de 100%”, afirma o coordenador de fruticultura do IDR-PR, Eduardo dos Santos, que acompanhou o processo desde o início.

Segundo o profissional, a virose entrou no Paraná em 2004, mas só em 2014 que começou a trazer problemas aos produtores de maracujá. “Dois anos depois [do vírus chegar à área de produção da cooperativa] houve uma redução drástica na produtividade. Em 2021 conseguimos voltar a produzir o mesmo volume de antes”, afirma Santos. O segredo dessa retomada, segundo ele, foi a adoção do novo manejo da fruta.



## Manejo certo

O CABMV é transmitido pela picada do pulgão, que leva o vírus de uma planta infectada para outra saudável. Segundo Santos, o sistema de manejo capaz de enfrentar esse problema consiste em levar mudas maiores e, portanto, mais fortes e resistentes, para o campo. Se antes as mudas saíam com até 30 centímetros do viveiro para o pomar, hoje devem ter pelo menos 1,5 metro de altura. “A estratégia é esse manejo cultural, com as mudas maiores, e uma atenção especial na parte nutricional da planta”, explica o coordenador. “Se a planta começou a florescer, então a doença já não é mais problema. Basta ir controlando com a nutrição até o final do ciclo”, completa.

No caso do fruticultor **José Luiz de Oliveira**, de Jandaia do Sul, o plantio do maracujazeiro já começou sob este novo sistema de manejo. “Plantei uns pés há uns quatro anos para ver e acabei gostando. Quando comecei, o pessoal já falava que não dava para plantar duas vezes na mesma área, que entrava virose”, lembra.

Com experiência no cultivo de uvas, Oliveira aproveitou a mesma estrutura em que cultivava as parreiras para conduzir o maracujá. “Tem que plantar e erradicar todo ano, não cheguei a pegar a fase em que rebrotava por dois até três anos”, conta.

Com essa estratégia de levar as mudas mais desenvolvidas para o campo e erradicar os pomares anualmente, Oliveira vem obtendo uma produtividade média de 3,5 caixas (12 quilos) de maracujá por pé, o que representa um bom desempenho. “As frutas que ficam um pouco menores eu tiro para fazer polpa, não perco nada”, afirma o produtor, que ainda mantém uma pequena área com uvas.

Do acordo com Santos, do IDR-PR, a erradicação dos pomares de maracujá funciona como um vazio sanitário para frear a disseminação do vírus. “É um período de 20 a 30 dias sem plantas na lavoura, enquanto a muda está protegida do pulgão que transmite o vírus no viveiro. Esse vazio ocorre normalmente no final da safra, entre julho e agosto, de acordo com cada região. Acabou de colher, já pode fazer”, ensina.

A instrutora do SENAR-PR recorda que quando passaram a ser levadas a campo, essas orientações encontraram resistência por parte de produtores tradicionais da fruta. “Os produtores não foram muito receptivos a essa recomendação”, recorda Beatriz. Essa postura, segundo ela, pode ter acelerado a propagação da doença no Estado. “Acredito que acabaria contaminando [outras regiões do Estado], mas não com a rapidez como aconteceu”, observa. “Vimos áreas infectadas a uma distância de 30 quilômetros do foco. O fato de o produtor não conhecer a biologia e a forma de disseminação faz com que subestime o vírus. Por isso tem que fazer curso, treinamento, para entender o procedimento”, avalia Santos.

Nesse sentido, o papel do SENAR-PR é estratégico. “A partir da confirmação de que o vírus estava presente nos pomares, os produtores buscaram um sistema de produção que pudesse enfrentar esse novo cenário. Foi a partir disso que elaboramos o novo curso de maracujazeiro do SENAR-PR, no qual ensinamos como conviver com a virose e ainda obter uma alta produtividade. O produtor aprende a escolher a cultivar adequada, fazer o manejo de nutrição, irrigação, manejo das mudas, levando na altura correta para o campo, e aprende a identificar os sintomas da virose, para saber se ela existe no seu pomar ou não”, observa a técnica do Departamento Técnico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR Vanessa Reinhart. “Outra parte importante do curso é, ao final do ciclo, fazer a erradicação das plantas para que a virose não sobreviva de um ciclo para o outro, não fique indo de um vizinho para o outro e não saia daquela área”, complementa.

O curso “Maracujazeiro” do SENAR-PR passou por uma reformulação para contemplar o controle do CABMV e, em breve, estará disponível para os fruticultores do Estado.



Curso para formação de instrutores na área do maracujazeiro



# Quem conserva sai no lucro!

Conforme dados apresentados nos seminários realizados pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, cuidar do solo é garantia de renda no bolso do produtor



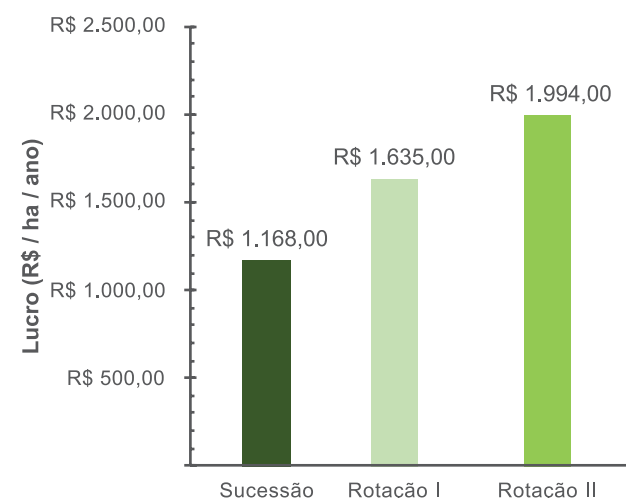
Por Bruno Vizoli  
Técnico do DTE  
Sistema FAEP/SENAR-PR

Em agosto de 2022, o Sistema FAEP/SENAR-PR promoveu o Seminário de Conservação de Solo em sete cidades do Paraná, com a abordagem de diversos temas relacionados. O foco foi regionalizar as discussões e trazer temáticas pertinentes as regiões. Entre as inúmeras formas de conservar o solo, o uso de terraços e o sistema de plantio direto são as mais lembradas pelos produtores. Mas há outras que refletem em lucro dentro da propriedade. A principal mensagem repassada nos eventos foi a de que conservação de solo não é sinônimo de prejuízo, pois muitos asso-

ciam com o não cultivo. É justamente o contrário, pois o cultivo agrícola é uma forma de conservação de solo.

O pesquisador Tiago Telles, do IDR-Londrina, apresentou três sistemas de cultivo que mais representam o Paraná: Sistema de sucessão - soja no verão e milho no inverno; Rotação I - avaliação de três anos, com soja/milho/soja no verão e no inverno centeio + aveia-preta no 1º ano; aveia-branca + nabo no 2º ano e braquiária no 3º ano; Rotação II - milho + braquiária/milho + braquiária/soja no verão e no inverno trigo no 1º ano; canola no 2º ano e feijão no 3º ano.

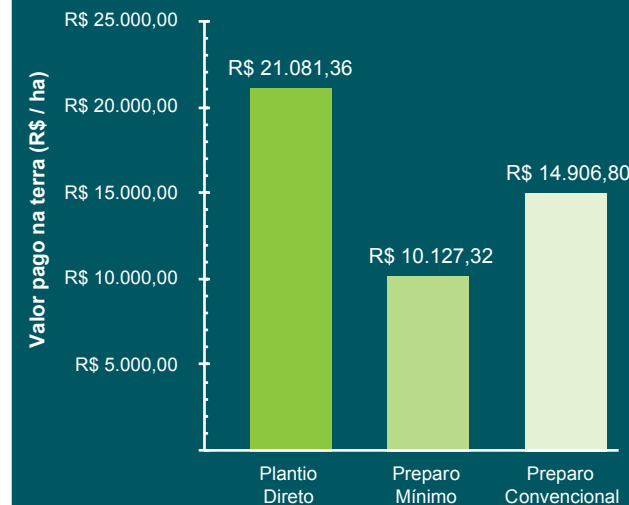
## Média do lucro total em áreas de sucessão de culturas e duas possibilidades de rotação de culturas no Paraná



Comparando os sistemas de rotação com o sistema de sucessão de culturas, o lucro pode ser de R\$ 826 a mais no primeiro. Isso ocorre porque, apesar da sucessão se tratar de duas culturas comerciais, os sistemas de rotação mantêm o solo coberto com a maior diversidade de plantas, reduzindo os custos de produção (fertilizantes, herbicidas, etc.) e aumentando a produtividade, visto que há menos erosão. A rotação permite a colheita de grãos no inverno (trigo, feijão e canola), pois no verão o consórcio com braquiária mantém palhada no solo e assegura a ciclagem de nutrientes. O maior lucro do produtor, na maioria das vezes, não está associado ao sistema baseado apenas em cultivos comerciais, mas naqueles em que maior diversidade de plantas no solo.

O solo conservado permite que o produtor venda a terra por preços mais altos. De acordo com dados do Censo Agropecuário do IBGE, os maiores valores de venda foram em áreas sob plantio direto, ou seja, com solo mais conservado. Isso porque quem comprar a área vai gastar menos para produzir. Solos sob plantio direto valem quase R\$ 11 mil por hectare a mais do que áreas sob preparo mínimo (onde ocorre a "gradagem leve" ou escarificação, com compactação do solo, menor infiltração de água, maior erosão e conseqüentemente maior custo de produção). Como o solo é um patrimônio do produtor rural, a conservação permite agregar valor à terra.

## Preço médio das terras no Paraná em 2021



Obs.: Os valores foram convertidos em real, considerando a cotação do dólar em 22/09/2022 (R\$ 5,167)

No **Plantio Direto** não ocorre o revolvimento do solo

No **Preparo Mínimo** ocorre o revolvimento com grade leve ou escarificação do solo

No **Preparo Convencional** a aração e gradagem ocorrem antes de cada safra

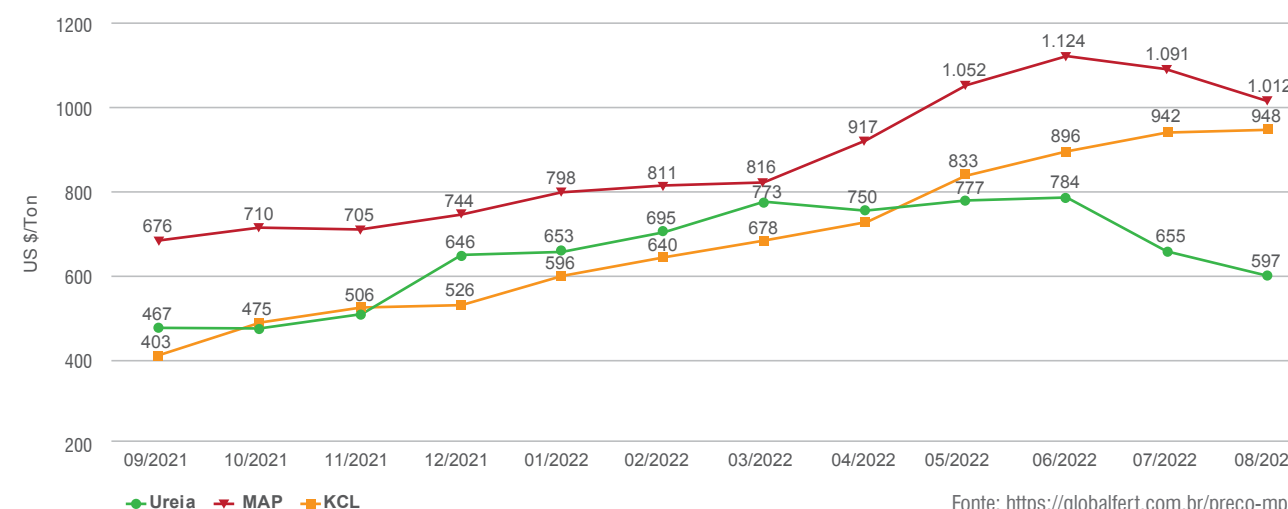
Manter o solo vegetado, sem revolvimento, foi a palavra de ordem dos mais de 40 pesquisadores que palestraram no evento. A ausência de revolvimento mantém as raízes da cultura anterior no solo. Por exemplo, a produtividade de soja em solos sob pousio no inverno em Londrina na safra 2017/18 foi de 38 sacas por hectare, enquanto em solos com Piatã no inverno como cobertura foi de 67 sacas por hectare, nas mesmas condições de clima e adubação. Na ocasião, mais de 70% da massa de Piatã mantida no solo estavam "abaixo da superfície", ou seja, as raízes. Isso significa que a manutenção delas é de extrema importância para a produtividade. Lembrando que o foco também precisa ser o aumento de produção e redução de custos, visando maior lucro.

A palhada no solo (raízes e parte aérea) favorece o processo de ciclagem de nutrientes. Na safra 2021/22, os produtores foram surpreendidos com a disparada no preço dos fertilizantes. Na ocasião, quem mantinha o solo conservado teve menor custo com os insumos, pois as plantas são bombas que trazem, pelas raízes, os nutrientes de camadas mais profundas para a superfície. Ainda, com a decomposição da palhada ocorre a liberação desses elementos, perdidos em safras anteriores, para a cultura agrícola atual. A degradação da palhada das plantas de cobertura deve ser lenta e gradual, fornecendo matéria orgânica ao solo, que será a fonte de nutrientes para as próximas culturas, reduzindo o custo com fertilizantes.

Outra forma de fornecer matéria orgânica ao solo é o uso de dejetos animais como fertilizante, algo bastante discutido na região Oeste do Paraná. Esse processo é uma forma de conservação de solo.

A conservação de solo deve ser vista pelos produtores como ação de longo prazo para conservar o patrimônio agrícola e reduzir os custos. O aumento de produtividade deve sempre estar aliado com a redução de custos e aumento de lucro, pois isolado é uma ação de pouca efetividade. A conservação do solo é a forma mais efetiva de aumento de lucro e preservação do patrimônio do produtor rural, pois agrega valor na terra, produz mais e reduz gastos e impactos ambientais.

## Evolução média do preço dos fertilizantes entre setembro de 2021 e agosto de 2022



Fonte: <https://globalfert.com.br/preco-mp/>



# Inovação da Colômbia inspira vencedoras do PER 2019

Produtoras premiadas no programa do Sistema FAEP/SENAR-PR conheceram modelos de sustentabilidade em Medellín, segunda maior cidade do país

Por Bruna Fioroni

A troca de experiências com pessoas de outras nacionalidades permite encher a bagagem com conhecimentos. Essa oportunidade foi dada às vencedoras do Programa Empreendedor Rural (PER) 2019, Thais Fernanda Gavlak, do município de Fernandes Pinheiro, e Ana Carolina Araújo Abreu, de Guarapuava, com a viagem técnica à Colômbia, prêmio destinado aos idealizadores dos melhores projetos do programa. Entre 17 e 25 de setembro, as produtoras puderam conhecer iniciativas e modelos de negócio desenvolvidos pelos colombianos nas propriedades e agroindústrias locais.

Nos últimos anos, a Colômbia conquistou espaço na vitrine do empreendedorismo da América Latina. Medellín, principal destino da viagem, já recebeu o título de cidade mais inovadora do mundo – reconhecimento valioso, visto que, até o início dos anos 1990, liderava o ranking de violência urbana. Hoje, a metrópole colombiana é exemplo em desenvolvimento social e econômico. Seus habitantes – e, conseqüentemente, seus negócios – carregam valores de cooperação, sustentabilidade e criatividade para a resolução de problemas.

“Os colombianos têm uma consciência social e sustentável muito forte. São pessoas que produzem em áreas pequenas, que se preocupam com o impacto social e ambiental de seus negócios e estão sempre em busca de alternativas para produzir mais com menos recursos”, destacou Débora Grimm, diretora técnica do Departamento Técnico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR, que acompanhou a viagem, que ocorreu apenas neste ano devido à pandemia do novo coronavírus.



Mabel Guimarães, consultora do Sebrae-PR, e Débora Grimm, diretora técnica do Sistema FAEP/SENAR-PR, acompanharam as vencedoras Thais Gavlak e Ana Carolina Abreu

## Roteiro diversificado

Antes de desembarcar em Medellín, o grupo fez uma parada em Bogotá, capital da Colômbia. Em Medellín, a comitiva conheceu o MerkaOrgánico, mercado municipal com foco em produção orgânica e uma área reservada para projetos de sustentabilidade, mantidos por uma associação, com oferta de aulas para o público. O roteiro ainda contou com visita a uma produção sustentável de cogumelos no Parque Agrícola Unay.

O roteiro incluiu visitas a Le Montañeré, um empreendimento voltado para cafés especiais; Alma del Bosque, um complexo que abriga a maior coleção de orquídeas da Colômbia, com mais de 5 mil espécies e 15 mil exemplares; San Sebastián, uma queijaria sustentável com mercado especializado; TorreAlta Cervecería, uma cervejaria artesanal com uma planta de produção exposta ao público e vendas no local; e Amira, fábrica de granolas com produtos regionais, onde trabalham apenas mulheres.



Visita à criação de cabras foi um dos destaques



Grupo conheceu empreendimentos familiares, como o Salón Ahumado de Ostrovsky

A representatividade feminina nos empreendimentos chamou atenção das vencedoras do PER. “Eles prezam muito pelo propósito social dos negócios. Não é só crescer e ganhar dinheiro. Eu me senti muito à vontade vendo essa participação feminina tão forte”, apontou Thais. “As mulheres são muito acolhidas no ambiente do trabalho. Na queijaria [San Sebastián] tem um espaço para as mães levarem as crianças quando elas não têm com quem deixar em casa. Isso faz com que a mulher se sinta valorizada”, constatou Ana Carolina.

Ainda em Medellín, o grupo participou de uma aula pública dirigida pelo Centro Ambiental Integral, iniciativa privada que trabalha com educação ambiental. O projeto, chamado “La Ciudad Comestible” (“A Cidade Comestível”, em português), também incentiva o plantio de árvores frutíferas, plantas medicinais e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) em regiões da cidade, além de hortas e sistemas de compostagem urbanos.

Na visita ao Mercado de Abastos, as produtoras paranaenses conheceram o Salón Ahumado de Ostrovsky, um empreendimento familiar de culinária, onde fazem defumação de carnes e queijos e servem pratos com pães de fermentação natural. Também houve uma visita à Hiplantro, empresa de chás e infusões com ingredientes naturais, com um mercado em expansão e duas marcas próprias.

## Novas ideias

Além do trabalho social envolvido, a queijaria San Sebastián foi um dos destaques para Ana Carolina, pela relação com seu trabalho desenvolvido no PER, em parceria com Elouise Cristine Rodrigues. O projeto “Implantação de agroindústria e biodigestor na Fazenda Vassoural” busca otimizar a produção leiteira da propriedade, empregando a matéria-prima na produção de queijo.

“O proprietário [da queijaria] ajuda os pequenos produtores a permanecerem na atividade para incentivar o mercado. No Brasil, muita gente sai da produção de leite por falta de informação. Precisamos de pessoas que deem esse suporte aos pequenos, para que a atividade não se torne escassa e monopolizada”, comentou.

A viagem também despertou ideias para Ana Carolina aplicar em seu projeto. “Todas as visitas foram muito ricas, mesmo não sendo da mesma área. Quando fiz o estudo de mercado do meu projeto, fui atrás de grandes mercados para inserir o meu produto na indústria. Agora eu penso em focar nos queijos diferenciados e uma linha gourmet, com maior valor agregado, para restaurantes da cidade”, contou.

Além disso, Ana Carolina também está analisando a possibilidade de implantar uma queijaria com espaço físico para degustação e visão da produção, já que a propriedade fica próxima à área urbana. “O consumidor quer saber de onde está vindo o produto que consome”, elencou.

Para Thais, o ponto alto foi a visita à Lácteos Tierra Grata, empreendimento voltado à produção de leite de cabra e derivados. Na propriedade são mantidos 140 animais da raça Alpina e Anglo Lubiana, sendo 80 em lactação, e uma queijaria. “Eles fazem diversos tipos de queijos e iogurtes. É um nicho de mercado, pois as pessoas procuram produtos naturais e diferenciados”, afirmou.

O projeto de Thais no PER, “Migração da avicultura para confinamento de ovinos de corte”, se centrou nas atividades desenvolvidas em uma propriedade de 318 hectares, para substituir a produção de frangos pela criação de ovinos. Após conhecer a Lácteos Tierra Grata, Thais considera mudar o projeto e investir na criação de cabras.

“Nunca vi nenhum projeto desse tipo na minha região. Seria algo inovador”, almeja Thais.



# Sete medalhas para qualidade do queijo

Com receitas francesas e leite produzido de forma sustentável, produtores de Jaguapitã conquistaram reconhecimento em concurso mundial de queijos



Livia e seu marido Samuel comemoram as medalhas obtidas no concurso

O Paraná possui uma produção expressiva de queijos. Dos 12 milhões de litros de leite produzidos diariamente, 5 milhões são destinados à produção queijeira. Porém parte desses produtos não entra no radar dos consumidores, por desconhecerem a produção diferenciada e de alta qualidade no Estado. Formas de dar visibilidade aos queijos paranaenses são premiações e concursos, como o Prêmio Queijos do Paraná, criado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, que funcionam como vitrines para esses produtos, aproximando produtores e consumidores.

Um caso emblemático da importância desse processo vem da região Norte do Paraná. Em setembro, a produtora e chefe de cozinha, Livia Trevisan Camefort, da Estância Baobá, localizada em Jaguapitã, conquistou sete medalhas no 2º

Mundial do Queijo do Brasil, realizado em São Paulo. Foram quatro medalhas de prata para queijos e manteiga e três de bronze para dois queijos e requeijão de corte.

Com uma proposta diferenciada, que valoriza a produção orgânica e com animais alimentados exclusivamente a pasto, os queijos produzidos na Estância Baobá conquistam consumidores pelo paladar. Além disso, Livia conta que 90% das receitas de queijo vieram da França, país com tradição na produção, responsável por algumas das iguarias mais conhecidas do mundo. “Fiquei 15 anos fora do Brasil, trabalhando como chef de cozinha e sempre fui apaixonada por queijos. Me casei com um francês e decidimos vir ao Brasil em busca de um modo de vida mais sustentável e tranquilo”, conta a produtora.

Depois de se instalarem na região Norte do Estado, há sete anos, Livia e o marido, Samuel Camefort, iniciaram uma jornada em busca do conhecimento. “O projeto do leite foi um desafio. Como tínhamos pouca experiência foi preciso aprender tudo de uma vez”, conta. Nesse processo, o SENAR-PR teve importante papel, pois Livia fez cursos na área de bovinocultura de leite, manejo de ovinos e outros relacionados à agroecologia.

A produção queijeira começou há seis anos. Nesse período, o casal testou receitas e aprimorou técnicas até chegar ao patamar dos produtos premiados no concurso mundial, todos com matéria-prima da própria propriedade. Hoje, eles trabalham para aumentar o plantel. Atualmente são 25 bovinos, sendo seis em lactação e 14 ovelhas. A produção média de leite é de 60 litros por dia.

De acordo com Livia, mesmo recente, as premiações recebidas no 2º Mundial de Queijos já rendem reflexos positivos. “Depois do mundial, a procura está grande, tanto que alguns queijos, como o de mofo azul, não temos mais. Só para daqui a dois meses”, revela. O perfil de clientes é de particulares, que acompanharam as premiações do setor, normalmente de grandes centros, com alguma cultura gastronômica.

“O brasileiro, em grande parte, ainda está engatinhando [no consumo de queijos]. Viemos de uma cultura de muçarela e queijo prato. Estamos começando a conhecer outros tipos”, observa.



## Prêmio para os queijos paranaenses

Uma das estratégias para divulgar os queijos paranaenses é o Prêmio Queijos do Paraná, criado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, em parceria com Sebrae-PR, Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR) e Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Paraná (Sindileite-PR). Além de estimular a melhoria da qualidade e o consumo de produtos diferenciados, a proposta também fortalece a cadeia láctea no Estado, a segunda maior do país.

O prêmio é voltado a produtores artesanais e a agroindústrias. O concurso conta com 19 categorias que abrangem queijos feitos a partir de leite de vaca, de cabra, ovelha, búfala, e também criações especiais, como queijos com doces, ervas e outros ingredientes.

As inscrições para participar do Prêmio Queijos do Paraná 2023 seguem até 1º de março de 2023. O evento de premiação dos queijos vencedores ocorre no dia 1º de junho de 2023.

Leia o regulamento e faça sua inscrição no site [sistemafaep.org.br/premio-queijos-do-parana/](http://sistemafaep.org.br/premio-queijos-do-parana/).

Memória do Campo



## Pecuária de ponta

Há oito anos – em setembro de 2014 –, o Boletim Informativo trouxe uma reportagem de capa sobre a evolução da bovinocultura, puxada pelos avanços em genética. A matéria destaca dados sobre inseminação artificial: em um ano, a comercialização de material genético tinha aumentado 9,6% na pecuária leiteira e 3% na pecuária de corte. Nos anos anteriores, a aplicação da genética na bovinocultura já vinha crescendo de forma significativa, a taxas médias em torno de 10% ao ano.

O melhoramento genético trouxe uma série de benefícios à cadeia produtiva, principalmente para produtividade. Antes dessa revolução, um animal de exposição já era considerado extraordinário se chegasse aos 800 quilos. Após o investimento genético, passou a ser comum encontrarem-se touros com mais de uma tonelada, com apenas 30 meses de vida. Na pecuária leiteira, vacas consideradas muito produtivas rendiam 4,5 mil litros por ano. Com o melhoramento, os animais passaram a bater a casa dos 27 mil litros anuais.

A aposta em melhoramento genético tem o Sistema FAEP/SENAR-PR como um de seus difusores. O SENAR-PR oferece uma série de cursos voltados às bovinoculturas de corte e de leite e dispõe de um Centro de Treinamento Pecuário, localizado em Castro, para capacitações e treinamentos, inclusive em inseminação artificial e melhoramento genético. Esse apoio ajuda a explicar porque o rebanho bovino paranaense se destaca por sua excelência e produtividade.





CASCADEL

**INCLUSÃO DIGITAL**

O instrutor Geremias Cilião de Araújo Junior capacitou 11 participantes, entre 6 e 21 de junho, no período da manhã. A turma foi ofertada em parceria com o Colégio Estadual de Juvinoópolis.



CASCADEL

**INCLUSÃO DIGITAL**

No período da tarde, entre 6 e 21 de junho, 14 participantes foram capacitados pelo instrutor Geremias Cilião de Araújo Junior. Curso realizado em parceria com o Colégio Estadual de Juvinoópolis.



PRUDENTÓPOLIS

**CLASSIFICAÇÃO DE GRÃOS**

Tendo a Cooperativa Camp e o grupo Rickli como parceiros, 10 participantes foram capacitados pelo instrutor Caetano Benassi, em 15 de julho.



SÃO JOÃO

**APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS**

Oito participantes foram capacitados pelo instrutor Sérgio Takashi Noguchi, no curso realizado entre 4 a 8 de abril.



MARILUZ

**MANUTENÇÃO DE COLHEDORAS AXIAIS**

De 6 a 10 de junho, o instrutor Claudio José Zunta compartilhou conhecimento com sete participantes.



PALOTINA

**TRATORISTA AGRÍCOLA**

Em turma finalizada em 6 de maio, a instrutora Silvana de Fatima Ribeiro Olzewski treinou nove participantes.



SÃO JOÃO

**ARMAZENISTA DE GRÃOS**

O instrutor Pedro Felipe Kastel repassou seu conhecimento para 15 participantes, entre os dias 25 e 29 de abril.



SÃO JOÃO DO IVAÍ

**JAA**

Em turma finalizada em 13 de junho, o instrutor João Carlos Gonçalves treinou 13 participantes. O curso foi realizado em parceria com o Colégio Estadual Arthur de Azevedo e a Prefeitura.



PALOTINA

**FERTILIDADE DO SOLO**

Nos dias 4 e 5 de maio, 12 participantes foram capacitados pelo instrutor Everton Debertolis.



PRUDENTÓPOLIS

**CLASSIFICAÇÃO DE GRÃOS**

Neste curso com o instrutor Caetano Benassi, realizado em parceria com Grupo Rickli e a Cooperativa Camp, entre 11 e 13 de julho, 10 participantes foram treinados.



SÃO JOÃO DO IVAÍ

**MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA**

Entre 14 de março e 13 de junho, 12 participantes do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) foram capacitados pelo instrutor João Carlos Gonçalves. O curso aconteceu com os alunos do período da tarde do Colégio Estadual Arthur de Azevedo, em parceria com a Prefeitura.



TERRA ROXA

**MOTOSERRISTA**

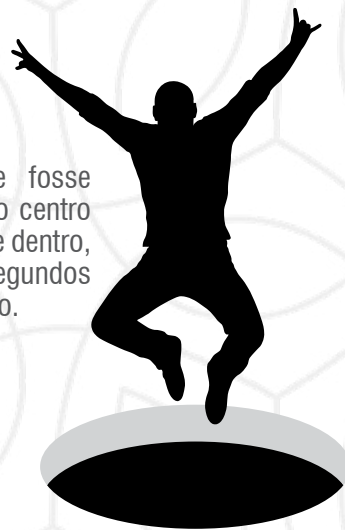
Entre os dias 23 e 27 de maio foi realizado curso para 10 participantes pelo instrutor Sandro Nogueira.



# VIA RÁPIDA

## Um pulinho

Conforme os cientistas, se fosse escavado um túnel através do centro da Terra e uma pessoa pulasse dentro, demoraria 42 minutos e 12 segundos para atravessá-lo por completo.



## Teto de sangue

Existem cinco templos em Kyoto, no Japão, com tetos manchados de sangue. As estruturas são feitas de tábuas do assoalho de um castelo onde guerreiros se mataram após uma longa resistência contra um exército. Até hoje é possível ver os contornos das pegadas.



## Papiloscopista

Esse é o nome da profissão da pessoa que identifica impressão digital. O profissional analisa as impressões disponíveis para identificar o dono de cada uma delas. É um trabalho minucioso, porque algumas impressões digitais possuem diferenças mínimas entre uma e outra.



## Lugar estranho

A Ilha de Socotra, localizada no Oceano Índico, é tão isolada que, por lá, vivem espécies que não são encontradas em nenhum outro lugar do planeta. Por isso, ficou conhecida, como “o lugar mais estranho da Terra”.

## Pássaros-lira

Essa ave é famosa pela capacidade de imitar qualquer som que ouça. Por exemplo, o choro de um bebê, os gritos de um macaco, o alarme de um despertador e até os barulhos que fazem uma máquina de construção.



## Marcando território

Cachorros machos levantam as pernas quando estão urinando para deixar sua marca mais alta. Desta forma, transmitem a mensagem de que são altos e intimidadores.

## Lágrimas de crocodilo



A composição química das lágrimas é diferente, dependendo do motivo que ocorre:

**Basal:** lubrifica os olhos com frequência, mantendo a córnea úmida e bem nutrida;

**Reflexiva:** surge em resposta a alguma irritação causada no olho;

**Emocional:** normalmente causada por excesso de produção lacrimal, resultado de estresse, raiva, tristeza ou mesmo felicidade.



## UMA SIMPLES FOTO

## Acorda aí



O diretor da empresa pergunta ao novo funcionário:

- O contador já disse qual é a sua tarefa?
- Sim. Acordá-lo quando eu perceber que o senhor está vindo.





Conheça o curso  
do **SENAR-PR**:

# ABELHAS SEM FERRÃO

## Por que fazer?

Essa atividade, além de contribuir com a polinização e a conservação ambiental, incrementa a renda dos pequenos produtores, por meio da comercialização do mel.



## Fique de olho

Você vai aprender sobre tipos de abelhas, predadores, colônias de meliponídeos, produtos das abelhas e aproveitamento do mel.



## Outras capacitações

- Apicultura Básica;
- Apicultura Avançado;
- Produção de rainhas e própolis.



## SISTEMA FAEP



Saiba mais ▼



### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

**sistemafaep.org.br**

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |  
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |  
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

